



SÍNTSE DE NOTÍCIAS N° 0169/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 25/06/2025**

Príncipe herdeiro saudita e presidente iraniano discutem acordo de cessar-fogo Irão-Israel



O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman falou ontem por telefone com o presidente iraniano Masoud Pezeshkian, durante o qual saudou um cessar-fogo entre o Irão e Israel anunciado no início do dia.

Durante uma conversa telefônica ontem com o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, o Príncipe herdeiro saudita, Mohammed bin Salman, saudou o acordo de cessar-fogo entre o Irão e Israel.

O Príncipe expressou a esperança do Reino de que a trégua ajude a restaurar a segurança e a estabilidade na região e evite o risco de novos confrontos. Ele ressaltou a posição consistente do Reino da Arábia Saudita em apoio ao diálogo diplomático como o caminho preferido para a resolução de disputas. A pausa no conflito entre Israel e Irão, que começou em 13 de junho, foi anunciada horas depois que a Guarda Revolucionária Islâmica do Irão lançou ataques com mísseis na passada segunda-feira que tiveram como alvo a Base Aérea de Al-Udeid, no

Qatar, a maior instalação militar dos EUA no Médio Oriente. Após o ataque, o Príncipe herdeiro conversou com o Emir do Qatar, Xeque Tamim bin Hamad Al-Thani, reafirmou a solidariedade do Reino da Arábia Saudita com o país e condenou veementemente o que descreveu como "agressão injustificada e flagrante" do Irão contra o Estado do Golfo.

O Príncipe herdeiro também recebeu ontem um telefonema do Primeiro-ministro iraquiano, Mohammed Shia Al-Sudani. Ambos os líderes saudaram a entrada em vigor do acordo de cessar-fogo e enfatizaram a necessidade de exercer os esforços necessários para preservar a segurança e a estabilidade. O Primeiro-ministro paquistanês, Shehbaz Sharif, e o Príncipe herdeiro realizaram um telefonema semelhante. **Fonte-Arab News**.

○ ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita participa na reunião de emergência do CCG



Os ministros das Relações Exteriores dos países do Conselho de Cooperação do Golfo posam para uma foto de família em Doha.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, participou ontem na reunião de emergência dos ministros das Relações Exteriores do Conselho de Cooperação do Golfo. A reunião discutiu a agressão iraniana contra o Qatar, os desenvolvimentos na região e suas repercussões na segurança. Isso ocorreu um dia depois que mísseis iranianos atingiram a base militar americana Al-Udeid, perto de Doha.

O Príncipe Faisal e seus homólogos do GCC também foram recebidos pelo Emir do Qatar, Xeque Tamim bin Hamad Al-Thani. Durante a reunião, os países do GCC afirmaram sua solidariedade com o Qatar e condenaram a agressão iraniana em seu território. Eles disseram que o ataque constitui uma violação flagrante do direito internacional e dos princípios de boa vizinhança, e é inaceitável e não pode ser justificado em nenhuma circunstância. O progresso da ação conjunta do Golfo, a cooperação e coordenação frutíferas entre seus países e as formas de promovê-la para beneficiar seus povos também foram discutidos. **Fonte-Arab News**.

Coalizão islâmica lança programa de treinamento em Comores

Um novo programa de treinamento, "Construindo a capacidade de imãs e pregadores", foi lançado em Moroni, Comores. Organizada pela Coalizão Militar Islâmica de Contraterrorismo, a iniciativa faz parte da estratégia intelectual mais ampla da organização.

O ministro da Defesa das Comores, Youssoufa Mohamed Ali, reafirmou o compromisso de seu país com a coalizão no combate ao extremismo e na erradicação do terrorismo. Ele destacou o papel fundamental da coalizão, particularmente seu foco no engajamento intelectual, e disse que o lançamento do programa foi um passo significativo à frente.

O major-general Mohammed Al-Moghed, secretário-geral da coalizão do Reino da Arábia Saudita, disse que a iniciativa faz parte de um esforço mais amplo envolvendo 15 programas estratégicos em quatro áreas – desenvolvimento intelectual, imprensa, financiamento do terrorismo e operações militares. Recentemente, a coalizão realizou treinamento especializado sobre o combate ao financiamento do terrorismo em Bamako, Mali. O programa teve como objectivo fortalecer a capacidade nacional de combater o financiamento do terrorismo e a lavagem de dinheiro. **Fonte-Arab News.**

Chefe da MWL e o presidente da Câmara dos Comuns do Reino Unido, conversam sobre unidade social, combatendo discurso de ódio



O secretário-geral da MWL, Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa, reúne-se com o presidente da Câmara dos Comuns do Reino Unido, Sir Lindsay Hoyle, em Londres.

O secretário-geral da Liga Mundial Muçulmana e presidente da Organização de Estudiosos Muçulmanos, Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa, reuniu-se com o presidente da Câmara dos Comuns do Reino Unido, Sir Lindsay Hoyle, em Londres. Eles discutiram os fundamentos da coesão social em sociedades

religiosa e etnicamente diversas, destacando o respeito mútuo e a necessidade de uma legislação que proteja a unidade nacional. Os dois funcionários destacaram a importância de combater o discurso de ódio, a discriminação e a exclusão – especialmente quando provenientes de fontes legais ou institucionais influentes.

Al-Issa disse que a grande maioria dos muçulmanos na Grã-Bretanha mostra forte consciência religiosa e nacional. Ele acrescentou que vozes discordantes são casos isolados que reflectem pontos de vista individuais, não os valores do Islão.
Fonte-Reuters.

[**Paquistão e Emirados Árabes Unidos assinam acordo de isenção de vistos para passaportes diplomáticos e oficiais**](#)



O vice-primeiro-ministro do Paquistão, Ishaq Dar (centro, à esquerda), e o ministro das Relações Exteriores dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Abdullah bin Zayed, em Abu Dhabi (centro-direita), observam a assinatura do acordo após a 12ª sessão da Comissão Ministerial Conjunta Paquistão-Emirados Árabes Unidos (JMC), em Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos, em 24 de junho de 2025.

O vice-primeiro-ministro do Paquistão, Ishaq Dar, reuniu-se com o ministro das Relações Exteriores dos Emirados Árabes Unidos, Xeque Abdullah bin Zayed, em Abu Dhabi e assinou um acordo mútuo de isenção de vistos para portadores de passaportes diplomáticos e oficiais. O acordo foi assinado na conclusão da 12ª sessão da Comissão Ministerial Conjunta Paquistão-Emirados Árabes Unidos (JMC), realizada em Abu Dhabi após um intervalo de 12 anos.

"Meu irmão Sua Alteza Sheikh Abdullah bin Zayed e eu assinamos um acordo sobre isenção mútua de vistos para os titulares de passaportes diplomáticos e oficiais de nossos dois países... Este passo importante reflecte nossa determinação compartilhada de fortalecer ainda mais nossos laços fraternos e aprofundar a colaboração institucional em todos os níveis", escreveu Dar.

O renascimento do JMC segue um esforço renovado de Islamabad para aprofundar seu envolvimento econômico com os Emirados Árabes Unidos, um

de seus parceiros regionais mais próximos e um grande investidor em projectos de infraestrutura, energia e logística, entre outros. Ambos os lados reafirmaram seu compromisso de "aprofundar os laços económicos e promover o crescimento e a prosperidade compartilhados".

Durante a reunião, Dar presenteou Al Suwaidi com o Hilal-e-Quaid-e-Azam, um dos maiores prêmios civis do Paquistão, em nome do presidente Asif Ali Zardari, em reconhecimento por suas "contribuições excepcionais para a promoção da cooperação Paquistão-Emirados Árabes Unidos". **Fonte-Reuters.**

[Israel reivindica vitória enquanto inteligência dos EUA diz que instalações nucleares do Irão não foram destruídas](#)



O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, declarou uma "vitória histórica" contra o Irão, apesar de um relatório de inteligência dos Estados Unidos concluir que os ataques americanos atrasaram o programa nuclear de Teerão em apenas alguns meses.

Irão e Israel concordaram ontem com um cessar-fogo, encerrando 12 dias de ataques retaliatórios, depois que o presidente dos EUA, Donald Trump, se juntou ao conflito com bombas destruidoras de bunkers no fim de semana que, segundo ele, destruíram as principais instalações nucleares iranianas.

Um relatório preliminar confidencial da inteligência dos EUA, no entanto, concluiu que os ataques americanos ao Irão atrasaram seu programa nuclear em apenas alguns meses.

A secretária de imprensa da Casa Branca, Karoline Leavitt, confirmou a autenticidade da avaliação, mas disse que estava "totalmente errada". Em um discurso à nação após o anúncio do cessar-fogo, Netanyahu disse que "o Irão não terá uma arma nuclear". "Nós frustramos o projecto nuclear do Irão", disse ele. "E se alguém no Irão tentar reconstruir-lo, agiremos com a mesma determinação, com a mesma intensidade, para frustrar qualquer tentativa."

Israel disse que sua campanha de bombardeio, que começou em 13 de junho, tinha como objectivo impedir que o Irão adquirisse uma arma nuclear, uma ambição que Teerão negou consistentemente. Os militares de Israel disseram que seus ataques atrasaram o programa nuclear do Irão "em anos". Depois que Trump repreendeu furiosamente os dois lados por violações iniciais da trégua, ontem, Teerão anunciou que respeitaria os termos do acordo se Israel fizesse o mesmo, enquanto Israel disse que se absteve de novos ataques.

O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, disse que seu país está disposto a retornar às negociações sobre seu programa nuclear, mas que seu país continuará a "afirmar seus direitos legítimos" ao uso pacífico da energia atômica. **Fonte-Arab News.**

[**Presidente dos Emirados Árabes Unidos saúda cessar-fogo entre Israel e Irão**](#)



O presidente dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Mohamed, falou com o presidente iraniano depois que um acordo de cessar-fogo com Israel entrou em vigor.

O Xeque Mohamed bin Zayed Al-Nahyan, presidente dos Emirados Árabes Unidos, saudou ontem o acordo de cessar-fogo entre o Irão e Israel durante um telefonema com seu colega iraniano.

O Xeque Mohamed disse ao presidente Masoud Pezeshkian que esperava que o acordo "servisse como base para aumentar a estabilidade, a segurança e a paz em todo o Médio Oriente" e acrescentou que era importante "garantir o sucesso do acordo de uma forma que beneficie todos os países e povos da região".

Pezeshkian agradeceu pela posição dos Emirados Árabes Unidos durante os recentes ataques aéreos de Israel contra o Irão. O acordo de cessar-fogo mediado pelo presidente dos EUA, Donald Trump, entrou em vigor na passada segunda-feira, um dia depois que o Irão atacou uma base militar dos EUA no Qatar em retaliação ao bombardeio americano de suas instalações nucleares. Os Emirados Árabes Unidos "condenaram nos termos mais fortes" o ataque iraniano à Base Aérea de Al-Udeid, que viu quase todos os mísseis interceptados. **Fonte-Reuters.**

Fundo soberano do Sultanato de Omã obtém lucro de \$4,1 bilhões



A OIA está executando uma mudança estratégica, priorizando investimentos domésticos para gerar valor local.

O fundo soberano do Sultanato de Omã registrou um lucro recorde de 1,59 bilhão de riais omanenses (US\$ 4,1 bilhões) em 2024 e aumentou seus activos acima de 20 bilhões de rials. A receita adicional permitiu que a Autoridade de Investimento do Sultanato de Omã-OIA-, transferisse 800 milhões de rials para o orçamento nacional, de acordo com o relatório, fornecendo uma almofada fiscal vital e ressaltando o duplo papel em expansão do fundo como motor econômico. Além dos lucros principais, a OIA está executando uma mudança estratégica, priorizando investimentos domésticos para gerar valor local enquanto forma parcerias globais para garantir recursos prontos para o futuro em áreas como inteligência artificial, energia limpa, logística e manufatura. Classificada em 35º lugar globalmente por activos sob gestão entre os fundos soberanos, a OIA está sendo cada vez mais vista como um player ágil, mas ambicioso. **Fonte-Arab News.**

Onde estão as bases militares dos EUA no Médio Oriente que o Irão identificou como alvos potenciais?

Os Estados Unidos contam com considerável força militar no Médio Oriente. São tropas em mais de uma dezena de países e navios destacados para as águas da região. Estas bases abrigam actualmente cerca de 40 mil pessoas, entre militares e civis, sem falar nos sistemas de defesa aérea, aviões de combate e navios de guerra. Depois do ataque dos Estados Unidos a três instalações nucleares no Irão, as bases americanas no Médio Oriente passaram a ser alvos em potencial das represálias iranianas.

A agência estatal iraniana Tasnim afirmou que a Guarda Revolucionária do Irão (IRGC, nas siglas em inglês) lançou na passada segunda-feira mísseis contra bases americanas no Qatar e no Iraque. A presença dos Estados Unidos na região chegou a somar mais de 160 mil soldados, durante as guerras do Iraque (2003-2011) e do Afeganistão (2001-2021). Ela foi reforçada no ano passado, devido

às tensões entre Israel e o Irão e para responder aos contínuos ataques dos houthis do Iêmen aos navios comerciais e militares no mar Vermelho.

Mas, nos últimos dias, antecipando os ataques e para proteger seu pessoal no caso de uma resposta de Teerão em larga escala, os Estados Unidos solicitaram a saída voluntária dos dependentes de militares das suas bases regionais.

Ao todo, os Estados Unidos mantêm instalações militares em pelo menos 19 locais na região. Mas muitos analistas regionais consideram 10 deles como permanentes: Reino da Arábia Saudita, Bahrein, Qatar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait e Síria. Segundo o Conselho de Relações Exteriores (um instituto independente de pesquisas), o exército americano também emprega grandes bases no Djibouti e na Turquia. Elas fazem parte de outros comandos regionais, mas prestam frequentemente contribuições significativas para as operações americanas no Oriente Médio. As bases dos Estados Unidos na região estão sob o Comando Central do Exército americano (Centcom, na sigla em inglês). E apresentamos abaixo as principais delas.

Qatar,

A base de Al Udeid, no Qatar, é a maior de toda a região. Ela abriga um quartel-general avançado do Comando Central dos Estados Unidos (Centcom) e das suas forças aéreas.

Al Udeid foi fundamental para as operações levadas a cabo, no passado, pelo exército americano no Iraque, Síria e Afeganistão. E ali também está instalado o 379º Esquadrão Expedicionário Aéreo dos Estados Unidos.

O presidente americano, Donald Trump, visitou o local no último dia 15 de maio, durante sua viagem ao Médio Oriente.

Nos últimos dias, os Estados Unidos haviam retirado dezenas de aeronaves das pistas de Al Udeid, segundo imagens de satélite. Esta manobra levantou suspeitas de que elas teriam sido removidas para protegê-las contra eventuais ataques iranianos, em resposta a uma intervenção americana.

Das cerca de 40 aeronaves que podiam ser observadas em imagens publicadas pela empresa especializada Planet Labs no último dia 5 de junho (incluindo aviões de transporte Hércules C-130 e aeronaves de reconhecimento), havia apenas três aviões duas semanas depois, segundo a AFP, que analisou as imagens. No Qatar, estão deslocados cerca de 10 mil soldados americanos.

Iraque,

Os Estados Unidos chegaram a manter até 160 mil soldados deslocados no Iraque em mais de 500 bases existentes no país, durante a ocupação que derrubou Saddam Hussein (1937-2006), entre 2003 e 2011. Mas, hoje, existem no Iraque

cerca de 2,5 mil militares americanos – e Washington negocia sua retirada progressiva com o governo local. Estes militares fazem parte da coalizão internacional que combate o grupo jihadista Estado Islâmico. Eles partem principalmente de duas bases aéreas, em Al Asad e Erbil, no Curdistão iraquiano. Estas e outras bases menores, que continuam abertas no país, foram alvo de ataques de grupos aliados ao Irão, desde o início da guerra na Faixa de Gaza, em outubro de 2023.

Bahrein,

Este pequeno Reino abriga a sede da Quinta Frota da Marinha dos Estados Unidos. Ela é responsável pelas forças navais americanas no Golfo Pérsico, no mar Vermelho, no mar Arábico e na costa da África oriental, em direcção sul até o Quênia. Estas instalações são conhecidas como Actividade de Apoio Naval de Bahrein. Elas também abrigam o quartel-general do Comando Central das Forças Navais dos Estados Unidos. Cerca de 9 mil militares americanos estão destacados neste país insular. Diversos navios da marinha americana têm como sede o porto de Bahrein. O local conta com águas muito profundas, que permitem a entrada de navios de grande porte, como o porta-aviões USS Carl Vinson e outros.

Os Estados Unidos contam ainda com quatro navios antiminas e dois navios de apoio logístico no local. E a Guarda Costeira americana também mantém navios no país, incluindo seis lanchas de resposta rápida, segundo a agência de notícias AFP.

Kuwait,

O Kuwait é um dos países que contam com mais bases americanas na região. Uma delas é o Acampamento Arifjan, sede do quartel-general avançado do CENTCOM do exército dos Estados Unidos.

Esta instalação serve de núcleo operacional e logístico para as forças armadas americanas no Médio Oriente, com grandes reservas de material para abastecer as diversas operações. Também fica no Kuwait a base aérea Ali al-Salem, que abriga o 386º Esquadrão Expedicionário Aéreo americano, "o principal centro de transporte aéreo e porta de ligação para o lançamento de potência de combate às forças conjuntas e de coalizão da região". Além disso, os Estados Unidos também possuem drones no Kuwait, como os MQ-9 Reapers. Somente no Acampamento Arifjan e na base aérea Ali al-Salem, os Estados Unidos possuem cerca de 13,5 mil militares deslocados, segundo o Departamento de Estado americano.

Emirados Árabes Unidos,

Nos Emirados Árabes Unidos, o exército americano conta com a base aérea de Al Dhafra, um local estratégico dedicado ao reconhecimento, à coleta de inteligência e ao apoio às operações aéreas de combate. A base abriga o 380º

Esquadrão Expedicionário Aéreo dos Estados Unidos, composto por 10 conjuntos de aeronaves, incluindo também drones, como os MQ-9 Reapers.

Síria,

Como ocorre no Iraque, a presença militar americana na Síria também está relacionada à luta contra o Estado Islâmico. Ela decorre da guerra civil do país, iniciada em 2011, que acabou ocupando grandes partes do território da Síria e do Iraque. O exército dos Estados Unidos mantém cerca de 2 mil militares em várias bases no país. Eles trabalham com as forças de segurança locais para evitar o ressurgimento do grupo jihadista. Em junho, Washington anunciou a redução, de oito para uma, do número de bases militares operadas no país e a alteração das suas políticas em relação à Síria, "já que nenhuma delas funcionou".

Trump decidiu inesperadamente levantar as sanções americanas contra a Síria, no último mês de maio. Seu governo se mostrou disposto a dialogar com o novo líder *de facto* do país, Ahmed al-Sharaa, cuja milícia derrubou o ex-presidente sírio Bashar al-Assad, no final do ano passado. **Fonte-BBC-News Brasil.**

[Khamenei é necessário para salvar o Irão do caos](#)



HASSAN AL-MUSTAFA

24 de Junho de 2025



Khamenei não é visto apenas como o líder da revolução; ele também é uma autoridade religiosa para milhões de muçulmanos xiitas.

O líder supremo do Irão, Ali Khamenei, que sucedeu o Aiatolá Khomeini em 4 de junho de 1989, está longe de ser uma figura comum no equilíbrio de poder e na estrutura hierárquica. Portanto, as ameaças israelenses de assassiná-lo trazem consequências extremamente sérias para a segurança de todo o Médio Oriente, especialmente após a operação militar dos EUA que teve como alvo as instalações

nucleares iranianas, causando destruição generalizada. Posteriormente, o Irão lançou vários mísseis balísticos que atingiram alvos dentro de Israel, que foram seguidos por um anúncio do Conselho Shoura iraniano aprovando o fechamento do Estreito de Ormuz, aguardando a aprovação do Conselho Supremo de Segurança Nacional. Se realizada, essa etapa levará o conflito a uma escalada mais complexa – que pode envolver ataques ou interrupção de petroleiros, afectando directamente os preços globais de energia e as cadeias de suprimentos.

Esses desenvolvimentos que se desenrolam rapidamente podem levar o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu a uma maior "euforia" e a uma sensação inflada de poder, levando a uma operação militar que leva ao assassinato de Khamenei, especialmente porque o líder israelense já teve sucesso em atacar o secretário-geral do Hezbollah, Hassan Nasrallah, seu sucessor, Hashem Safieddine, e os líderes militares mais proeminentes do partido. além do assassinato de líderes seniores do Hamas, como Ismail Haniyeh e Yahya Sinwar.

No banco de alvos israelense, muitos dos quais foram alcançados, Netanyahu não leva em conta que o líder supremo do Irão não pode ser equiparado a Nasrallah, que foi morto no ano passado. A diferença de peso simbólico é enorme e as consequências de um erro de cálculo são graves, como Abdulrahman Al-Rashed escreveu no jornal Asharq Al-Awsat em 20 de junho. Al-Rashed descreveu a ideia de "alvejar o líder como loucura", considerando que "esta questão é muito mais séria do que apenas mais um objectivo militar: pode se tornar uma questão de ideologia e desencadear ciclos de vingança profundamente perigosos".

Al-Rashed, um dos escritores árabes mais proeminentes e crítico político das políticas iranianas no Médio Oriente, buscou em sua abordagem do tópico fornecer uma perspectiva política realista e de longo prazo. Ele considerou que o assassinato de Khamenei causaria "feridas que podem nunca cicatrizar - independentemente de quão decisivas sejam as vitórias israelenses ou americanas no campo de batalha".

Nesse contexto, uma figura proeminente como Ali Al-Sistani, a autoridade religiosa suprema dos muçulmanos xiitas, emitiu uma declaração, a segunda desde o início da guerra israelense contra o Irão, alertando contra "qualquer ameaça de atingir sua liderança religiosa e política suprema". Ele considerou que "qualquer medida penal desse tipo, além de violar padrões religiosos e morais claros e constituir uma violação flagrante das leis e normas internacionais, terá consequências terríveis para a região como um todo", potencialmente "saindo do controle e levando ao caos generalizado". Embora Al-Sistani seja um líder religioso clássico que muitas vezes prefere se abster de envolvimento político, essa declaração indica sua profunda preocupação, levando-o a alertar contra uma

nova escalada no Médio Oriente. Khamenei não é visto apenas como o líder da revolução no Irão; ele também é uma autoridade religiosa para milhões de muçulmanos xiitas em todo o mundo. Em termos do número de crentes que aderem às suas decisões jurisprudenciais, ele provavelmente ocupa o segundo ou terceiro lugar depois de Al-Sistani, que é considerado a figura religiosa xiita de mais alto escalão do mundo.

Nessa perspectiva, o assassinato de Khamenei daria uma dimensão ideológica maior a um conflito que já contém elementos religiosos. Isso desencadearia mais retórica de extremismo, ódio e hostilidade entre muçulmanos e judeus em um momento em que os esforços deveriam se concentrar no diálogo inter-religioso e na coexistência entre as religiões e seus adeptos, em vez de alimentar o conflito entre elas.

Mesmo politicamente, Khamenei continua sendo o único líder capaz de tomar uma decisão estratégica ousada na República Islâmica, que seria obrigatória para todos, linha-dura e moderados, se o Irão decidir assinar qualquer acordo futuro com os EUA que possa acabar com a crise actual.

Os ataques militares israelenses e americanos contra o Irão e as graves perdas em sua liderança, programa de mísseis e instalações nucleares infligiram uma profunda ferida nacional, prejudicando o prestígio da República Islâmica aos olhos do público e, mais importante, aos olhos de seu próprio povo, onde o Estado agora parece menos capaz de responder com eficácia. Suas defesas aéreas são ineficazes, apesar dos danos significativos infligidos a várias cidades israelenses.

Esse golpe ao orgulho nacional iraniano não pode ser superado sem uma decisão ousada, e apenas Khamenei tem experiência, legitimidade e autoridade para tomar tal decisão. Sua sobrevivência continuada é, portanto, crucial, porque sem ela, nenhum líder iraniano, por mais popular que seja, ousaria assinar qualquer acordo futuro entre Washington e Teerão, pois pode ser percebido pelo público como rendição ou traição.

Em termos de segurança no Médio Oriente, o assassinato de Khamenei desencadearia uma onda de caos e violência, especialmente se facções armadas afiliadas ao "Eixo da Resistência" seguirem com suas ameaças. Apesar das pesadas perdas que essas facções sofreram, elas mantêm a capacidade de causar destruição generalizada e atingir refinarias de petróleo e alvos militares. Tais actos podem vir por meio de facções iraquianas, do Hezbollah no Líbano ou dos houthis no Iêmen - um resultado que os estados árabes do Golfo não querem que aconteça.

O melhor curso de acção, como enfatizou o Ministério das Relações Exteriores saudita em um comunicado em 22 de junho, é "intensificar os esforços nessas circunstâncias extremamente sensíveis para chegar a uma solução política que garanta o fim da crise e abra as portas para alcançar a segurança e a estabilidade na região". A declaração destacou "a necessidade de exercer todos os esforços para exercer contenção, calma e evitar a escalada", pois a alternativa será novos confrontos que podem levar a uma expansão não calculada das partes envolvidas na guerra, o que resultará em baixas entre civis inocentes.

Hassan Al-Mustafa é um escritor e pesquisador saudita interessado em movimentos islâmicos, no desenvolvimento do discurso religioso e na relação entre os estados do Conselho de Cooperação do Golfo e o Irão. X: @Halmustafa

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.